

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: Kalapalo 04
 Data: 19/11/74 Pg.: _____

UM dos mais curiosos exemplos da dificuldade de integração de um índio numa sociedade civilizada foi a experiência de Ralita, da tribo Kalapalo, que prestou serviço militar no Galeão, residiu três anos no bairro de Cachambi e chegou até mesmo a trabalhar como garçom no Hotel Regina, do Rio. Hoje Ralita não se chama mais Antônio e voltou a viver novamente entre seus irmãos índios, abdicando de roupas, sal na comida e não sendo mais objeto de curiosidade, conforme aconteceu enquanto morou na cidade.

"Simplesmente não deu" — confessa Ralita, que guarda ainda as gírias aprendidas nos subúrbios cariocas. Com um sorriso sempre terno e quase ingênuo, ele conta que aos 18 anos, mais ou menos, foi levado para o Rio, cheio de curiosidade, para ser soldado, depois garçom e viver muitas outras experiências. Uma sensação equivalente ao ato de se apanhar um civilizado e introduzi-lo, por exemplo, depois de uma viagem espacial, num outro planeta, tecnologicamente mil vezes mais avançado.

As descobertas

Se Ralita, hoje casado com uma índia da tribo Matipu, esteve numa cidade grande, conheceu um mundo tecnologicamente mais adiantado, aprendeu a ler e escrever um pouco, certamente toda essa experiência devia ser positiva em sua volta à aldeia, junto a seus irmãos índios. Mas não é. E aí reside um dos aspectos mais contundentes da inadequação da política de integração. Nada do que Ralita aprendeu, e é justamente ele que confessa isso, pode ser útil ao seu povo.

— Os índios aqui não comem carne — afirma Ralita — não usam o sal, não precisam de roupas, e tampouco minhas leituras se tornam úteis. Até pelo contrário, eu é que tive de me adaptar a eles. Porque muitas coisas já não sabia fazer com a mesma desenvoltura. A feitura de arcos, flechas, bordunas, tudo isso exige um treinamento permanente. Foi muito difícil para mim, nos primeiros meses. Mas mesmo assim é melhor mil vezes, que tomar ônibus cheio de gente, depender sempre de dinheiro e viver com pessoas de mau humor. Porque *caraíba* (civilizado) vive a maior parte do seu dia de cara amarrada, reclamando da vida, desconcom o trabalho. É uma barra muito pesada a vida de *caraíba*.

Ralita hoje tem duas filhas. Voltou a andar apenas de *short*, ele que durante tanto tempo passou a usar roupa, e mesmo a ficar com *cerimônia* quando se despia diante de civilizados. Como sua esposa é uma índia matipu, e sua sogra viúva, ele naturalmente foi residir nessa aldeia. Pe-

riodicamente visita seus irmãos kalapalo, que por sinal residem perto. Kalapalo e Matipu, embora nações do mesmo tronco linguístico, hoje alimentam certas hostilidades, mas esse é um fato muito comum no universo cultural indígena. Ralita, que se chamava Antônio entre civilizados, recusa entrar, tomar partido nessa divergência. Até porque numa aldeia ninguém é obrigado a fazer algo que recusa, nem tampouco o índio sofre

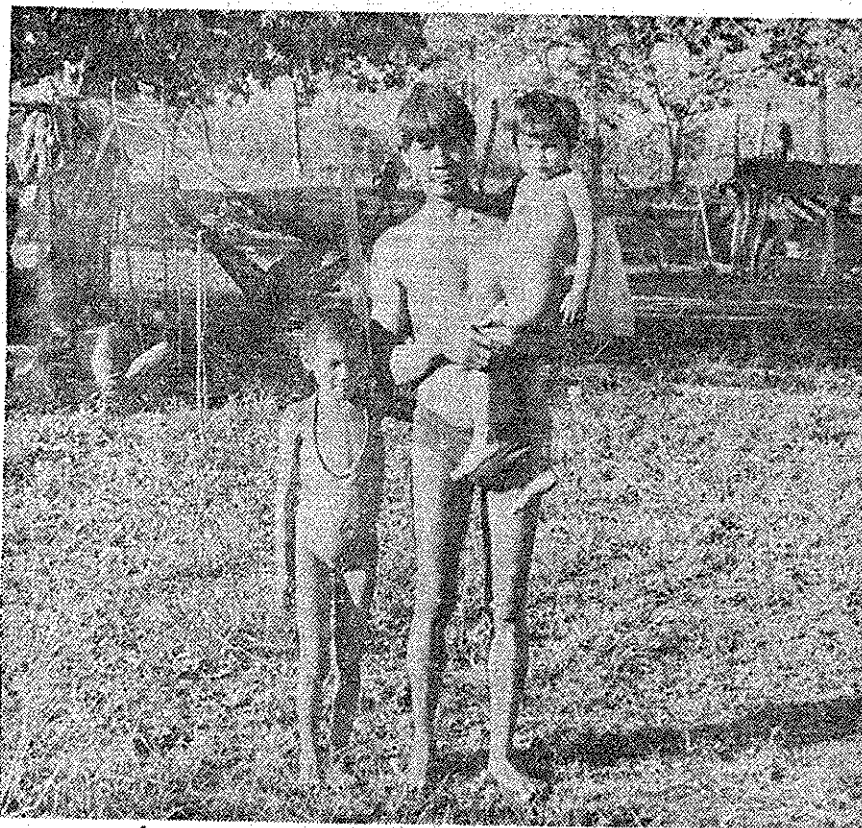
restrições da tribo por assim proceder.

As dificuldades

Ralita lembra que uma das coisas mais difíceis para ele era o cumprimento de horários. "Civilizado tem horário para tudo. Hora para comer, para tomar banho, para se divertir, para trabalhar. Hora para tudo." A falta de espontaneidade onde tudo é

A desilusão de um kalapalo no mundo dos caraíbas

EDILSON MARTINS
 Fotos de JOSÉ CARLOS BRASIL
 DA SUCURSAL DE SÃO PAULO



"É uma barra muito pesada a vida de caraíba".

RALITA, ÍNDIO KALAPALO

mais ou menos previamente programado, é o primeiro, senão o mais difícil degrau que o índio enfrenta ao entrar em contato com o mundo civilizado.

Nos primeiros meses as dificuldades foram imensas para Ralita. Mesmo depois de já praticamente acostumado, falando bem o português, as pessoas indagavam se ele era japonês. "Naturalmente eu não gostava. Não que não goste de japonês, já que eles são uma espécie de primos nossos, muito mais que os brancos. E porque eu sou índio, e não tenho vergonha disso não. Pelo contrário. O pior é que sentia muitas saudades de minha gente. Por mais que o civilizado nos trate bem, nunca é como um índio. Assim como civilizado nunca consegue ser índio, inteiramente, índio nunca conseguirá ser civilizado. Tanto fiz que terminei conseguindo voltar para o Xingu."

— E não foi fácil, sabe? Fiquei muito ruim da cabeça. Quando cheguei aqui, não era mais índio totalmente. Nem tampouco era civilizado. Fiquei que não era nem uma coisa, nem outra. Estava acostumado a comer carne, sal, gordura, coisas que o índio não faz, pelo menos os da minha aldeia. E então fiquei triste, muito triste. Pedi mesmo para voltar. O Orlando (Vilas-Boas) foi quem me disse que seria pior para mim. Agora estou melhor. Não quero mais ir para a cidade. Sinto-me bem, aqui. Tenho esposa, filhas e estou feliz.

A aculturação

Se por um lado Ralita não obteve êxito em sua tentativa de se integrar, não resta dúvida de que a aculturação até hoje está presente em sua individualidade. Já não se pinta mais, eliminou a tanga, substituindo-a pelo *short*, e logo após sua chegada alguns índios do Parque Xingu passaram até mesmo a hostilizá-lo.

A aculturação absorve valores de outra cultura, sem abdicar dos seus próprios, enquanto a integração procede de forma diferente. Integrar significa substituir valores de uma determinada cultura, por outros considerados melhores. A aculturação é um processo inevitável, que ocorrerá mais cedo ou mais tarde com nossas tribos. Já a integração constitui uma violência, uma vez que o índio, ou qualquer outra cultura, não pode abrir mão de seus valores essenciais, sem desaparecer como nação. De toda essa imensa experiência vivida por Ralita no Rio de Janeiro, um pouco de muitas coisas ficou. Uma sensação de inadaptação, de inadequação foi uma delas, pelo menos no plano psicológico. No plano objetivo há um calção de banho, cada vez mais desbotado, e uma sempre renovada saudade de refrigerantes, sal e um bom filé de carne de vaca.